



A
QUÍMICA
STEPHENIE
MEYER

A
QUÍMICA

A
QUÍMICA

STEPHENIE MEYER

TRADUÇÃO DE
ADALGISA CAMPOS DA SILVA,
CÁSSIA ZANON E MARIA CARMELITA DIAS



Copyright © 2016 by Stephenie Meyer

TÍTULO ORIGINAL

The Chemist

PREPARAÇÃO

Nina Lua

REVISÃO

Tamara Sender

Juliana Pitanga

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CAPA

© 2016 Hachette Book Group, Inc.

DESIGN DE CAPA

Mario J. Pulice

ADAPTAÇÃO

Márcia Quintella

FOTOGRAFIAS

Kelly Campbell

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M559q

Meyer, Stephenie, 1973-

A química / Stephenie Meyer ; tradução Adalgisa Campos da Silva , Cássia Zanon , Maria Carmelita Dias. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.

496 p. ; 23 cm.

Tradução de: The chemist

ISBN 978-85-510-0090-8

1. Romance americano. I. Silva, Adalgisa Campos da. II. Zanon, Cássia. III. Dias, Carmelita, Maria. IV. Título.

16-36730

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Este livro é dedicado a Jason Bourne e Aaron Cross

*(e também a Asya Muchnick e Meghan Hibbett
por alegremente ajudarem e instigarem minha obsessão)*

CAPÍTULO 1

A missão desse dia se tornara rotineira para a mulher que, nessa época, apresentava-se como Chris Taylor. Ela havia acordado muito mais cedo do que gostaria e, em seguida, desfizera e guardara as proteções que usava à noite. Era realmente uma canseira preparar tudo antes de dormir apenas para desativar logo de manhã cedo, mas não valia a pena arriscar a vida só para se permitir um momento de preguiça.

Após essa tarefa cotidiana, Chris se enfiou em seu sedã nada extraordinário — já com vários anos de uso, mas sem nenhum dano considerável que o tornasse digno de nota — e dirigiu durante horas a fio. Atravessou três fronteiras e inúmeras linhas secundárias do mapa e, mesmo depois de atingir aproximadamente a distância correta, descartou diversas cidadezinhas pelas quais passou. Uma era pequena demais, a outra tinha apenas duas ruas para entrar e sair, aquela outra parecia receber tão poucos visitantes que seria totalmente impossível que ela passasse despercebida, apesar de toda a normalidade que tentava aparentar para ficar camuflada. Anotou alguns locais aos quais talvez desejasse voltar outro dia — uma loja de suprimentos para solda, um depósito de artigos militares e um mercado de produtores rurais. A época dos pêssegos estava chegando mais uma vez; ela deveria providenciar um estoque.

Por fim, no final da tarde, chegou a um lugar agitado onde nunca havia estado. Até a biblioteca pública estava um bocado movimentada.

Ela gostava de usar uma biblioteca sempre que possível. Coisas gratuitas eram mais difíceis de rastrear.

Estacionou no lado oeste do prédio, fora do alcance da única câmera, localizada acima da porta de entrada. Lá dentro os computadores estavam todos

ocupados e nas proximidades havia vários grupos interessados, à espera de uma vaga, de modo que ela deu uma volta no local, pesquisando na seção de biografias para ver se achava algo pertinente. Descobriu que já lera tudo o que pudesse ser útil. Em seguida, buscou os lançamentos mais recentes do seu escritor de espionagem predileto, um ex-SEAL da Marinha americana, e apanhou alguns dos títulos adjacentes. Enquanto procurava um bom lugar para se sentar e esperar, sentiu uma pontada de culpa; de certo modo, roubar de uma biblioteca parecia algo de muito baixo nível. Porém, registrar-se ali estava fora de cogitação por uma série de motivos, e havia uma ligeira possibilidade de que algo que ela lesse naqueles livros a deixasse mais segura. A segurança sempre prevalecia sobre a culpa.

Não que ela não soubesse que isso era noventa e nove por cento em vão — era extremamente improvável que qualquer criação ficcional fosse de alguma utilidade real, concreta, para ela —, mas já fazia muito tempo que havia esgotado todas as fontes de pesquisa baseadas em fatos verídicos. Na ausência de fontes com certo nível de excelência, tinha se contentado com materiais menos qualificados. Não ter *qualquer coisa* para estudar a deixava ainda mais em pânico. E, na realidade, ela encontrara uma pista que parecera prática em sua investida anterior. Até já havia começado a incorporá-la à sua rotina.

Acomodou-se em uma poltrona desbotada em um canto discreto que tinha uma vista decente para os cubículos de computadores e fingiu ler o primeiro livro da pilha que separara. Pela maneira como os usuários dos computadores espalhavam seus pertences pelas mesas — um deles tinha até tirado os sapatos —, ela concluiu que a maioria ficaria por ali durante um bom tempo. A estação mais promissora estava sendo utilizada por uma adolescente com um monte de livros de referência e uma expressão irritada. A garota não parecia estar checando nenhuma rede social — estava efetivamente anotando títulos e autores encontrados pelo sistema de busca. Enquanto esperava, Chris manteve a cabeça inclinada sobre o próprio livro, aninhado na curva do seu braço esquerdo. Com a lâmina de barbear escondida na mão direita, recortou com cuidado o sensor magnético colado na lombada, retirou-o e o enfiou na fenda entre a almofada e o braço da poltrona. Simulando falta de interesse, pegou o livro seguinte na pilha.

Chris estava pronta, os romances desprovidos de seus sensores já guardados na mochila, quando a adolescente saiu para procurar outra fonte. Sem se

levantar de súbito ou parecer estar com pressa, tomou o lugar na cadeira antes que as outras pessoas que ainda aguardavam se dessem conta de que haviam perdido a oportunidade.

Na verdade, verificar o e-mail costumava lhe tomar cerca de três minutos.

Depois disso, se não dirigisse de modo evasivo, ela teria mais quatro horas para retornar à sua casa temporária. Em seguida, obviamente, teria que remontar seus artefatos de segurança antes que pudesse finalmente dormir. Dias de e-mail eram sempre longos.

Embora não houvesse nenhuma conexão entre sua vida atual e aquela conta de e-mail — nenhum endereço de IP repetido, nenhuma conversa sobre lugares e nomes —, logo que terminasse de ler as mensagens e, se fosse necessário, de responder a elas, saíria porta fora e voaria para longe da cidade, ganhando o máximo de quilômetros de distância possível dessa localização. Por via das dúvidas.

Por via das dúvidas se tornara o mantra involuntário de Chris. Ela levava uma vida de preparações em excesso, mas, como costumava lembrar a si própria com frequência, sem essas preparações ela não teria vida alguma para levar.

Seria ótimo não ter que correr tantos riscos, mas o dinheiro não duraria para sempre. Em geral, ela encontrava algum trabalho subalterno em uma loja pequena, de preferência um estabelecimento cujos registros fossem manuais. No entanto, esse tipo de serviço só gerava renda suficiente para as despesas básicas: alimentação e moradia. Nunca para as coisas mais caras em sua vida, como identidades falsas, instrumentos de laboratório e os vários componentes químicos que acumulava. Assim, ela mantinha uma presença discreta na internet, encontrava seus raros clientes pagantes aqui e ali e fazia tudo o que podia para evitar que esse trabalho chamasse atenção daqueles que queriam que ela fosse eliminada.

Os dois dias anteriores tinham sido infrutíferos em matéria de e-mails; assim, Chris ficou satisfeita ao ver uma mensagem esperando por ela — satisfeita aproximadamente pelos dois décimos de segundo que levou para processar o endereço do remetente.

l.carston.463@dpt11a.net

Logo ali — o verdadeiro endereço eletrônico dele, que poderia ser rastreado com facilidade e apontaria direto para os antigos padrões dela. À medida

que o cabelo em sua nuca eriçava e a adrenalina perpassava o seu corpo — *corra, corra, corra* parecia ser o grito irrompendo de suas veias —, parte dela ainda era capaz de se sentir pasma, mal acreditando naquela arrogância. Ela sempre subestimara até que ponto eles podiam ser surpreendentemente descuidados.

Não é possível que já estejam aqui, pensou em meio ao pânico, os olhos já varrendo a biblioteca em busca de homens com ombros largos demais para seus ternos escuros, de homens com cortes de cabelo militar, de qualquer pessoa que se dirigisse ao ponto onde ela estava. Conseguia ver o carro pela vidraça da janela, e *parecia* que ninguém tinha mexido nele, mas ela não estivera exatamente vigiando-o, certo?

Então eles haviam conseguido encontrá-la de novo. Mas não tinham como saber o local onde ela resolveria verificar o e-mail. Nesse aspecto, ela mantinha uma rotina religiosa de escolher localizações ao acaso.

Justo nesse momento, um alarme devia ter disparado em um arrumado escritório cinzento, ou talvez em vários escritórios. Talvez houvesse até mesmo luzes vermelhas piscando. Era óbvio que haveria uma ordem prioritária planejada para rastrear esse endereço de IP. Havia gente prestes a agir. No entanto, mesmo que usassem helicópteros — e eles tinham meios de fazer isso —, ela ainda dispunha de alguns minutos. O suficiente para ver o que Carston queria.

O assunto era Cansada de fugir?

Filho da mãe.

Ela clicou e abriu a mensagem, que não era longa.

As diretrizes mudaram. Precisamos de você. Será que um pedido de desculpas não oficial adiantaria? Podemos nos encontrar? Eu não ousaria perguntar se não houvesse vidas em risco.

Muitas, muitas vidas.

Ela sempre gostara de Carston. Parecia mais humano do que uma porção de outros ternos escuros empregados pelo departamento. Alguns deles — em especial os que vestiam uniforme — eram assustadores. O que era provavelmente um pensamento hipócrita, considerando o tipo de trabalho que ela fazia antes.

Assim, era óbvio que eles tinham escolhido Carston para entrar em contato. Sabiam que ela estava solitária e amedrontada e mandaram um velho amigo para que se sentisse segura e acolhida. Era muito provável que ela percebesse que aquilo era um truque usando apenas o bom senso, mas o fato de a tática ter sido usada uma vez em um romance que ela roubara também contribuiu para isso.

Chris se permitiu uma respiração profunda e trinta segundos de pensamento concentrado. Ela deveria manter o foco no passo seguinte: sair da biblioteca, da cidade, do estado, o mais rápido possível — e decidir se isso seria suficiente. Será que sua identidade atual ainda estava segura, ou já estaria na hora de se realocar novamente?

No entanto, essa concentração foi minada pela insidiosa ideia embutida na oferta de Carston.

E se...

E se aquilo fosse de fato uma maneira de fazer com que eles a deixassem em paz? E se sua certeza de que se tratava de uma armadilha tivesse nascido da paranoia e do fato de ela ter lido romances de espionagem demais?

Se o trabalho fosse suficientemente importante, talvez eles lhe devolvessem sua vida em troca do serviço.

Pouco provável.

Ainda assim, não havia por que fingir que o e-mail de Carston extraviara.

Ela enviou a resposta que imaginou que esperavam, embora só tivesse arquitetado um esboço de plano.

Cansada de uma porção de coisas, Carston. No local onde nos encontramos pela primeira vez, daqui a uma semana, meio-dia. Se aparecer alguém com você, eu vou embora, blá-blá-blá, tenho certeza de que conhece as regras. Não faça besteira.

Ela se levantou e começou a caminhar no mesmo instante, um galope que aperfeiçoara apesar de suas pernas curtas e que parecia muito mais casual do que era de fato. Contava os segundos na cabeça, avaliando quanto tempo um helicóptero levaria para cobrir a distância entre Washington e o lugar onde ela estava. Claro, eles poderiam alertar as autoridades locais, mas em geral esse não era o estilo deles.

Não era mesmo; no entanto, ainda assim... Chris tinha uma sensação infundada, mas aflitivamente desconfortável, de que talvez eles estivessem se cansando do estilo costumeiro, que não havia rendido os resultados que buscavam. Eles não eram pacientes. Estavam acostumados a conseguir o que queriam no momento em que queriam. E fazia três anos que a queriam morta.

Estava óbvio que o e-mail de Carston significava uma mudança de diretrizes. Se *fosse* uma armadilha.

Ela tinha que supor que sim, pois esse ponto de vista, essa maneira de organizar o mundo, era o motivo pelo qual continuava respirando. No entanto, havia uma pequena porção do cérebro dela que já começara a alimentar uma esperança tola.

Estava jogando um jogo de apostas baixas, tinha consciência disso. Apenas uma vida. A vida dela.

E a vida que ela vinha preservando contra tantos percalços tão poderosos era simplesmente isto: vida. O básico do básico. Um coração batendo, um par de pulmões se contraindo e se expandindo.

Estava viva, sim, e tinha batalhado arduamente para manter essa condição, mas, durante suas noites mais tenebrosas, às vezes ficava imaginando por que motivo continuava lutando. A qualidade de vida que mantinha valia tanto esforço? Não seria *relaxante* fechar os olhos e não ter mais que abri-los? Será que uma escuridão vazia não seria ligeiramente mais prazerosa do que o esforço constante e o terror inexorável?

Havia apenas uma coisa que a impedia de responder *Sim* e enveredar por uma das saídas indolores e tranquilas disponíveis, e essa coisa era um exagerado impulso competitivo. Tal impulso lhe fora bastante útil na faculdade de medicina e, agora, a mantinha viva. Ela não deixaria que eles *ganhassem*. Não havia a menor possibilidade de oferecer uma solução tão fácil para o problema deles. Era provável que a apanhassem no final, mas teriam que *batalhar* para isso, aqueles malditos, e também iriam sangrar.

Agora ela estava no carro, a seis quarteirões do acesso mais próximo para a autoestrada. Usava um boné escuro sobre o cabelo curto, óculos escuros masculinos de armação grande cobrindo quase todo o rosto e um blusão de moletom volumoso que disfarçava seu corpo magro. Para um observador desatento, ela passaria por um adolescente.

As pessoas que queriam vê-la morta já tinham perdido algum sangue. De repente, ela se pegou sorrindo enquanto dirigia, pensando nisso. Era esquisito como, agora, ela se sentia à vontade com o fato de matar gente, como o considerava prazeroso. Ela se tornara sedenta por sangue, um fato irônico, levando tudo em consideração. Passara seis anos sob a tutela daqueles indivíduos, e em todo esse período eles não haviam chegado nem perto de fazer com que ela cedesse, de transformá-la em alguém que gostava do próprio trabalho. Porém, três anos fugindo deles tinham mudado muitas coisas.

Ela sabia que não teria prazer em matar uma pessoa inocente. Tinha certeza de que ainda não ultrapassara esse ponto, e não o ultrapassaria. Alguns indivíduos que faziam o mesmo tipo de trabalho que ela — o antigo — eram verdadeiramente psicóticos, mas Chris gostava de pensar que essa era a razão pela qual seus pares não eram tão bons quanto ela. Eles tinham as motivações erradas. Odiar o que fazia dera a ela o poder de desempenhar melhor a tarefa.

No contexto de sua vida atual, matar significava ganhar. Não a guerra, apenas uma pequena batalha por vez. Ainda assim, cada batalha representava uma vitória. O coração de outra pessoa deixaria de bater e o dela continuaria pulsando. Alguém iria atrás dela e, em vez de uma vítima, encontraria um predador. Uma aranha-marrom, invisível por trás de sua teia traiçoeira.

Era nisso que eles a haviam transformado. Ela ficava imaginando se tinham algum orgulho pelo que haviam realizado ou se sentiam apenas arrependimento por não terem agido rápido o suficiente para esmagá-la.

Depois de alguns quilômetros na estrada interestadual, ela se sentiu melhor. Seu carro era de um modelo popular, havia milhares de veículos idênticos na rodovia, e as placas roubadas seriam trocadas assim que ela encontrasse um local seguro no qual parar. Não havia nada que a ligasse à cidade que acabara de deixar para trás. Passara por duas saídas e tomara a terceira. Se quisessem bloquear a rodovia, eles não teriam ideia de onde fazê-lo. Ela ainda estava escondida. Ainda segura.

Obviamente seguir direto para casa estava fora de cogitação. Ela demorou seis horas no caminho de volta, ziguezagueando por diversas autoestradas e estradas secundárias, certificando-se o tempo todo de que ninguém a seguia. Na hora em que enfim chegou à sua pequena casa alugada — o equivalente arquitetônico de um calhambeque —, já estava quase dormindo. Pensou em fazer café, comparando os benefícios de uma injeção de cafeína com o fardo

de uma tarefa a mais, e decidiu simplesmente se forçar a seguir adiante com a energia que ainda lhe restava.

Subiu a escada que levava à varanda se arrastando, automaticamente evitando o local apodrecido na esquerda do primeiro degrau, e destrancou os ferrolhos duplos da porta de segurança de aço que instalara na semana em que se mudara para a casa; as paredes — só estacas de madeira, placas de gesso, compensado e revestimento de vinil — não ofereciam o mesmo nível de segurança, mas, segundo as estatísticas, intrusos tentavam primeiro arrombar as portas. As grades das janelas tampouco representavam um obstáculo insuperável, mas eram suficientes para incentivar o gatuno comum a procurar um alvo mais fácil. Antes de girar a maçaneta, tocou a campainha. Três toques rápidos que pareceriam um premir contínuo para qualquer um que estivesse observando. O som dos sinos de Westminster era apenas ligeiramente abafado pelas paredes finas. Ela atravessou a soleira da porta rapidamente e prendendo a respiração, por via das dúvidas. Não ouviu o ruído baixo de vidro quebrado, então soltou o ar ao fechar a porta atrás de si.

Ela mesma projetara toda a segurança da casa. Os profissionais que havia pesquisado no início tinham os próprios métodos. Nenhum deles dispunha do mesmo arsenal de habilidades especializadas com que ela contava. Os escritores dos diversos romances que agora usava como manuais implausíveis também não possuíam sua expertise. Tudo o mais que ela precisara saber tinha sido fácil de descobrir no YouTube. Algumas peças de uma velha máquina de lavar, um console de controle encomendado pela internet, uma campainha nova na porta, além de uma série de aquisições de diversos tipos, e ela montara uma armadilha.

Depois de entrar, trancou os ferrolhos e alcançou o interruptor mais próximo da porta para acender as luzes. Ficava em um painel com dois outros interruptores. O do meio era falso. O terceiro interruptor, o mais distante da porta, estava ligado ao mesmo cabo de sinal de baixa voltagem da campainha. Assim como a porta e aquela instalação, o painel de interruptores era décadas mais novo do que qualquer outro objeto no pequeno cômodo frontal que ela fazia de sala de estar, sala de jantar e cozinha combinadas.

Tudo parecia estar do jeito que ela deixara: a pouca mobília barata (nada grande o suficiente para esconder um adulto), mesa e bancadas vazias, nenhum enfeite ou peça de arte. Estéril. Ela sabia que, apesar do piso vinílico

verde-abacate e mostarda e do teto texturizado, o lugar se parecia um pouco com um laboratório.

Talvez o cheiro fosse o responsável por isso. A sala estava tão escrupulosamente limpa que era provável que um intruso atribuísse o odor de loja de materiais para piscina a substâncias químicas de limpeza. Mas só se ele conseguisse entrar sem acionar o sistema de segurança. Se disparasse o sistema, não teria tempo para registrar muitos detalhes do local.

O restante da casa era composto de um quarto pequeno e um banheiro, posicionados em linha reta a partir da porta de entrada, nada no caminho para fazê-la tropeçar. Ela apagou as luzes para não precisar voltar ao interruptor mais tarde.

Cambaleando, meio sonâmbula, atravessou a única porta que dava para o quarto e prosseguiu com os passos seguintes de sua rotina. A iluminação que vinha de fora e atravessava as persianas horizontais — neon vermelho do posto de gasolina do outro lado da rua — era suficiente para que a luz fosse mantida apagada. Primeiro ela foi até o colchão de casal que ocupava a maior parte do quarto e arrumou dois dos grandes travesseiros de penas que ficavam sobre ele, dando-lhes o formato impreciso de um corpo humano. Depois, recheou os travesseiros com os sacos plásticos cheios de sangue artificial usado em fantasias de Halloween; de perto, o sangue não era muito convincente, mas o objetivo era que os sacos servissem para um agressor que quebrasse o vidro da janela, afastasse as persianas e atirasse daquela posição propícia. Ele não seria capaz de detectar a diferença com a luz neon. Em seguida, a cabeça — a máscara que fazia de cabeça era outra aquisição da liquidação pós-Halloween, uma imagem caricata de um político derrotado, com a cor de pele bastante realista. Ela pusera enchimentos na máscara de modo a simular o tamanho da própria cabeça e costurara nela uma peruca morena barata. No entanto, o mais importante era um pequeno cabo, trançado entre o colchão e a base da cama, que ficava escondido entre os fios de náilon. Outro cabo, igual ao primeiro, estava pregado no meio do travesseiro no qual a cabeça descansava. Ela puxou o lençol com força, depois o cobertor, afofou tudo para formar uma figura e, então, enroscou as extremidades desencapadas dos dois fios, unindo-as. Era uma junção muito tênue. Se ela tocasse a cabeça, mesmo que de leve, ou empurrasse um pouquinho o corpo formado por travesseiros, os cabos deslizariam e se desconectariam sem fazer barulho.

Ela se afastou um pouco e deu uma olhadela na isca com os olhos semicerrados. Não era o seu melhor trabalho, mas *efetivamente* parecia alguém dormindo na cama. Mesmo se não acreditasse que era Chris, o invasor ainda teria que neutralizar o indivíduo que dormia na cama antes de partir à procura dela.

Cansada demais para trocar de roupa e vestir o pijama, ela apenas se livrou da calça jeans larga. Foi o suficiente. Agarrou o quarto travesseiro e puxou o saco de dormir que estava debaixo da cama; pareciam mais volumosos e pesados do que de costume. Ela os arrastou até o banheiro compacto, enfiou-os na banheira e realizou o mínimo ritual de higiene necessário. Nada de lavar o rosto, só escovar os dentes.

Tanto o revólver quanto a máscara de gás estavam embaixo da pia, escondidos atrás de uma pilha de toalhas. Ela pôs a máscara no rosto e apertou as tiras, depois colocou a palma da mão na entrada do filtro e inspirou pelo nariz para checar o fecho. A máscara funcionou perfeitamente. Sempre funcionava, mas Chris nunca deixava a familiaridade do procedimento ou sua exaustão fazerem-na pular qualquer etapa da rotina de segurança. Guardou o revólver na saboneteira embutida na parede acima da banheira, ao alcance fácil da mão. Ela não gostava muito do revólver: era uma atiradora decente em comparação com um civil sem qualquer treinamento, mas não tinha o nível de um profissional. Porém, precisava manter essa opção; algum dia, seus inimigos descobririam como seu sistema funcionava, e as pessoas que viessem capturá-la também usariam máscaras de gás.

Para falar a verdade, ela estava surpresa pelo truque tê-la mantido a salvo por tanto tempo.

Com um recipiente para absorção de produtos químicos selado e enfiado embaixo da alça do sutiã, ela voltou para o quarto arrastando os pés. Ajoelhou-se ao lado da entrada de ventilação no piso, no lado direito da cama que nunca usara. A grade que cobria o buraco não estava tão empoeirada como deveria. Os parafusos superiores da grade só estavam atarraxados até a metade, e os inferiores nem sequer estavam lá, mas ela tinha certeza de que ninguém que olhasse pela janela repararia nesses detalhes ou entenderia o que significavam; talvez Sherlock Holmes fosse a única pessoa que ela *não* temia que estivesse tentando matá-la.

Soltou os parafusos superiores e removeu a grade. Algumas coisas ficariam imediatamente óbvias para qualquer um que olhasse pela entrada de ventila-

ção. Primeiro, a parte posterior do buraco estava tapada, de forma que ele não era mais funcional. Segundo, o grande balde branco e a enorme bateria, que provavelmente não pertenciam àquele lugar. Ela puxou a tampa do balde e foi imediatamente recebida pelo mesmo odor químico que inebriava o cômodo da frente, um cheiro tão familiar que ela mal notava.

No escuro, enfiou a mão por trás do balde e puxou, primeiro, um instrumento pequeno, estranho, com uma bobina, braços de metal e fios finos; em seguida, uma ampola de vidro mais ou menos do tamanho do seu dedo; e, finalmente, uma luva de borracha daquelas usadas para limpeza. Posicionou o solenoide — o dispositivo que ela resgatara de uma máquina de lavar descartada — de forma que os braços dele ficassem submersos até a metade no líquido incolor dentro do balde. Ela piscou forte duas vezes, tentando se forçar a manter o estado alerta; tratava-se de uma tarefa delicada. Colocou a luva na mão direita, depois puxou o recipiente que estava preso à alça do sutiã e o manteve preparado na mão esquerda. Com a mão enluvada, inseriu cuidadosamente a ampola nas ranhuras que havia escavado nos braços de metal, com o objetivo de realizar o passo que executaria a seguir. A ampola estava logo abaixo da superfície do ácido, o pó branco no seu interior descansando inerte e inofensivo. Contudo, se a corrente fluindo através dos fios que estavam conectados de forma tão tênue em cima da cama fosse interrompida, a vibração provocaria o fechamento do solenoide e o vidro se quebraria. O pó branco se transformaria em um gás que não era nem inerte nem inofensivo.

O funcionamento desse artefato era, em sua essência, o mesmo do que ela montara no cômodo da frente; a única diferença era que, no quarto, o cabeamento era mais simples. Essa armadilha só ficava montada enquanto ela dormia.

Recolocou a luva e a grade da entrada de ventilação em seus devidos lugares e, tomada por uma sensação que não era intensa o bastante para ser chamada de alívio, voltou para o banheiro. A porta, assim como o buraco da ventilação, talvez tivesse alertado alguém tão obcecado com detalhes quanto o Sr. Holmes — sem dúvida os revestimentos de borracha macia em volta de todas as extremidades estavam longe de ser comuns. No entanto, apesar de não vedarem completamente o banheiro em relação ao quarto, lhe dariam mais tempo.

Ela meio que caiu dentro da banheira, uma queda em câmera lenta por sobre o saco de dormir fofo. Demorara um pouco até se acostumar a dormir

com a máscara de gás, mas agora nem pensava no assunto quando fechava os olhos, agradecida.

Ela se remexeu para se encaixar no casulo de náilon, retorcendo-se até o quadrado rígido de seu iPad ficar aninhado contra a parte inferior de suas costas. Ele estava ligado a uma extensão que puxava eletricidade dos fios da sala. Se a energia elétrica variasse ao longo daquela extensão, o iPad vibraria. Ela sabia, por experiência própria, que isso era suficiente para despertá-la, por mais cansada que estivesse, como nesta noite. Também sabia que poderia destapar o recipiente — ainda em sua mão esquerda, encostado contra o peito como o ursinho de pelúcia de uma criança — e prendê-lo na máscara de gás em menos de três segundos, mesmo que estivesse sonolenta, no escuro e prendendo a respiração. Ela havia treinado esse procedimento muitas vezes e, depois, o pusera em prática durante as três emergências que não haviam sido treinamento. Ela sobrevivera. Seu sistema funcionava.

Exausta como estava, tinha que deixar sua mente relembrar os acontecimentos nefastos do dia antes de se permitir cair em um estado inconsciente. Saber que havia sido descoberta novamente lhe dava uma sensação horrível — como a dor de um membro-fantasma, não conectado a nenhuma parte real do corpo, mas *presente* de qualquer forma. Tampouco estava contente com a resposta que dera ao e-mail. Arquitetara o plano de forma impulsiva demais para que se sentisse segura em relação a ele. E esse plano lhe exigiria agir mais rápido do que gostaria.

Ela conhecia a teoria — às vezes, se correr de forma precipitada em direção ao indivíduo segurando o revólver, você consegue pegá-lo desprevenido. Fugir era sempre sua jogada predileta, mas ela não via alternativa desta vez. Talvez no dia seguinte, após seu cérebro cansado ter se recuperado.

Cercada por sua teia, adormeceu.

A QUÍMICA

STEPHENIE MEYER

AUTORA COM MAIS DE 7 MILHÕES
DE LIVROS VENDIDOS NO BRASIL

“Stephenie Meyer é um fenômeno dos livros.”

The New York Times

“A maneira como ela conduz a curiosidade do leitor, mantendo a tensão e controlando o fluxo de informações, é simplesmente fantástica. As pessoas não querem apenas ler os livros da autora; elas querem entrar na história e viver lá dentro.”

Time

“Meyer está mais interessada nas relações do que nas convenções de gênero. Suas lições de vida são irresistíveis.”

Entertainment Weekly

ISBN 978-85-510-0090-8



9 788551 000908

www.intrinseca.com.br